

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Ingrid de Lara Blanck

Uma experiência de tradução do conto “Marcha Fúnebre” de Machado de Assis para o japonês

Porto Alegre

Janeiro 2018

Ingrid de Lara Blanck

Uma experiência de tradução do conto “Marcha Fúnebre” de Machado de Assis para o japonês

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial e obrigatório para a
obtenção do título de Bacharela em Letras

Orientadora: Prof^a. Dra. Karina de Castilhos Lucena

Porto Alegre

Janeiro 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Blanck, Ingrid
Uma experiência de tradução do conto “Marcha Fúnebre” de Machado de Assis para o japonês / Ingrid Blanck. -- 2018.
28 f.
Orientadora: Karina Lucena.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Japonês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Tradução. 2. Machado de Assis. 3. Língua
japonesa. 4. Teoria tradutória. 5. Experiência
acadêmica. I. Lucena, Karina, orient. II. Título.

Sumário

1. Introdução.....	4
2. Sobre a língua japonesa.....	6
3. Sobre Machado de Assis.....	9
3.1 Machado em outras línguas.....	11
4. Resumo do conto “Marcha Fúnebre”.....	14
5. Comentários e dificuldades sobre a tradução do conto “Marcha Fúnebre” para o japonês.....	15
6. Reflexão sobre o uso de teorias neste contexto.....	23
7. Considerações finais.....	26
8. Bibliografia.....	28

1. Introdução:

No presente trabalho trago minha experiência de versar para o japonês o conto “Marcha Fúnebre” de Machado de Assis no decorrer da disciplina de Versão do Japonês III no curso de Bacharelado em Letras e as dificuldades encontradas para alcançar a língua de chegada.

Entre as opções oferecidas naquele semestre, escolhi aleatoriamente, juntamente com a colega Tassiana Steffens, para realização da tarefa, este conto sem nenhuma ideia certa do que ocorreria, apenas com o sentimento de que seria um desafio. Não é surpresa para ninguém que estude a literatura brasileira que as obras de Machado de Assis são únicas e complexas, de modo que a mera menção de seu nome já gera comentários ressaltando como suas obras são difíceis de serem lidas e compreendidas. Não tive muita ciência, inicialmente, da intensidade de trabalho que estava por vir.

Minha relação com língua e cultura japonesas vem de muito tempo, quando eu sequer imaginava cursar esta faculdade. Desde pequena tive curiosidade sobre aquele povo do oriente tão diferente de nós, brasileiros e, diferentemente da maioria que se atrai por japonês, meu interesse não foi por *animês* e *mangás*, e sim pelas tradições, pelos festivais típicos, pela vestimenta, entre outros. Minha facilidade em aprender idiomas estrangeiros me levou a começar a ter aulas de japonês na Associação de Cultura Japonesa de Porto Alegre em 2011, o que contribuiu, junto da sugestão de meu pai, a escolher o curso de bacharelado em Letras, habilitação em japonês-português e me inscrevi para o vestibular. “É a tua área, vai ser fácil para ti”, segundo palavras do próprio.

Porém, ao frequentar as disciplinas, após de três anos de curso, concluí que eu não conseguiria me adaptar a lidar com o japonês em nível de tradução profissional. Como se houvesse um botão na mente que alternasse entre o português e o japonês, entendi que dominar bem os dois idiomas não me garantiria ser uma boa tradutora. A prática de tradução é um trabalho que consome muita energia, gera muitos questionamentos, e requer uma pré-disposição à experimentação, e me vi perdida enquanto os colegas à minha volta pareciam se

encontrar muito mais no curso do que eu. Mesmo sem me sentir pertencendo a aquele meio, prometi a mim mesma concluir os últimos semestres e me graduar, dando o melhor de mim na habilidade das tarefas de tradução do japonês, por mais difícil que fosse física e psicologicamente. Acredito que este trabalho simboliza o fim de um longo período em que muito me martirizei e me perguntei se seria capaz de chegar à reta final de um curso que não parecia mais o curso que eu havia escolhido, e sim um curso que eu estava inserida sem propósito.

Através deste trabalho, pretendo descrever os processos de versão do texto de Machado de Assis para a língua japonesa e as dificuldades que encontrei e os meios que utilizei durante o exercício de versão do conto “Marcha Fúnebre”. Além disso, faço uma breve reflexão sobre o auxílio teórico que alguns autores fornecem através de seus estudos e que foram de todo úteis nesta jornada pessoal. Não sou adepta de nenhuma teoria formal, mas de modo algum afirmo que não se pode extrair nada de útil e rico das mesmas. Sob uma ótica não profissional e bastante assustada, devo dizer, gostaria de trazer estas experiências a público para que outros em minha posição possam conhecer este ponto de vista.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: primeiro apresento um breve comentário sobre a língua japonesa, sua formação histórica e origens gramaticais. Em seguida, apresento brevemente sobre o autor do conto, Machado de Assis, assim como sua influência na literatura e crítica estrangeira e como outras culturas compreendem Machado. Então, trago uma reflexão sobre minha experiência de versar o conto em si, com exemplos práticos e explicações. Aproximando-se do final, falo sobre as leituras que fiz de teorias e como elas conduzem um processo tradutório – como o meu – e concluo com algumas considerações sobre o trabalho e a carreira de um tradutor.

2. Sobre a língua japonesa¹:

Inicialmente, farei uma breve apresentação sobre a língua japonesa, para demonstrar as especificidades linguísticas e culturais impostas ao tradutor dessa língua.

A língua japonesa que se conhece hoje em dia tem uma grande história por trás de sua concepção, por volta dos séculos V a VII, não havendo unanimidade entre pesquisadores quanto a sua origem. Além de ser uma língua aglutinante (significa que todos os morfemas estão grudados entre si sem espaçamento) e grafemas são compostos por parte sílabas, parte pictogramas, estrutura-se morfossintaticamente como SOV (sujeito-objeto-verbo) e se desenvolveu com base em relações de hierarquia social, exemplificando muito bem a influência que uma cultura tem na formação de seu idioma.

A principal influência sobre o japonês em seu período de formação e uso basicamente oral até o momento foi a China, devido às diversas missões diplomáticas entre os países durante o período Nara (710 - 794 d.C.). Não só trouxeram muitos detalhes culturais que ganharam seu próprio ressignificado, mas também os caracteres chineses que passaram a ser utilizados em poemas e histórias escritos pela corte. Nisso, o primeiro esboço da língua escrita japonesa se deu através da famosa obra *Man'yōshū* (literalmente: Coleção de dez mil folhas), a mais antiga compilação de poemas escritos da história do Japão; nela, as letras e empréstimo das pronúncias se assemelhavam fortemente com a língua chinesa e a caligrafia era idêntica a dos caracteres chineses. Porém, com o passar do tempo, a fonética japonesa mudou muitos dos sons destes caracteres e estabeleceu alguns novos significados - por isso não se pode dizer, por exemplo, que quem sabe ler japonês também sabe ler chinês.

¹ As informações em que me baseei para escrever com minhas palavras esta seção foram retiradas principalmente do site da embaixada do Japão no Brasil. Usei também o verbete “Língua Japonesa” do site Wikipédia, que normalmente não é tido como uma fonte confiável por razões óbvias – é uma enciclopédia online que qualquer usuário pode editar. No entanto, esse verbete em especial é tido como confiável por especialistas na área, por basear-se em bibliografia renomada disponível apenas em inglês. Consultado em 01/01/2018:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Jap%C3%A3o

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_japonesa

Os caracteres acabaram sendo gradativamente simplificados a cada nova escrita e se tornaram os primeiros *kanas*, equivalentes às letras dos alfabetos ocidentais. O japonês, então, consiste de dois alfabetos de *kana* - *hiragana* e *katakana* - e o uso de *kanji* - os caracteres de origem chinesa adaptados - para representar ideias e raízes de palavras.

Origens etimológicas dos alfabetos hiragana e katakana, respectivamente:

Hiragana - Kanjis de origem																	
Hiragana			Kanji Original			Simplificação manual			Hiragana			Kanji Original			Simplificação manual		
そ	せ	す	し	さ	こ	け	く	き	か	お	え	う	い	あ			
曾	世	寸	之	左	己	計	久	幾	加	於	衣	宇	以	安			
そ	せ	す	し	さ	こ	け	く	き	か	お	え	う	い	あ			
ほ	へ	ふ	ひ	は	の	ね	ぬ	に	な	と	て	つ	ち	た			
保	部	不	比	波	乃	祢	奴	仁	奈	止	天	川	知	太			
ほ	へ	ふ	ひ	は	の	ね	ぬ	に	な	と	て	つ	ち	た			
ん	を	わ	ろ	れ	る	り	ら	よ	ゆ	や	も	め	む	み	ま		
无	遠	和	呂	礼	留	利	良	与	由	也	毛	女	武	美	末		
ん	を	わ	ろ	れ	る	り	ら	よ	ゆ	や	も	め	む	み	ま		

ア	阿	イ	伊	ウ	宇	エ	江	オ	於
カ	加	キ	機	ク	久	ケ	介	コ	己
サ	散	シ	之	ス	須	セ	世	ソ	曾
タ	多	チ	千	ツ	川	テ	天	ト	止
ナ	奈	ニ	仁	ヌ	奴	ネ	祢	ノ	乃
ハ	八	ヒ	比	フ	不	ヘ	部	ホ	保
マ	末	ミ	三	ム	牟	メ	女	モ	毛
ヤ	也			ユ	由			ヨ	與
ラ	良	リ	利	ル	流	レ	礼	ロ	呂
ワ	和	ヰ	井			エ	恵	ヲ	乎
ン	尔								

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hiragana>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Katakana>

Diversas palavras como substantivos, nomes próprios e alguns adjetivos são escritos inteiramente em *kanji*; já verbos, partículas gramaticais e outras classes de adjetivos são escritos ou totalmente em hiragana ou katakana ou são mesclados, tendo kanji como a raiz da palavra e flexões e conjugações escritas nos alfabetos. Por exemplo:

教室 - きょうしつ (kyoushitsu)	Sala de aula
綺麗 - きれい (kirei)	Bonito, limpo
飲む - のむ (nomu)	Beber
大きい - おおきい (ookii)	Grande

Com isto, podemos ver como se estrutura a língua japonesa e, de forma bem básica, seu uso. É, realmente, uma breve explicação, pois assim como o português, todas as regras têm suas exceções, e o japonês tem várias. Mas, como este tema não é objeto deste trabalho e para não prolongar excessivamente esta seção que funciona como um apoio para a compreensão do trabalho, permito-me apresentar estas informações de maneira sucinta.

3. Sobre Machado de Assis²:

Conhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira e precursor do Realismo no Brasil, Machado de Assis nasceu em 1839, no Rio de Janeiro. Começou humildemente trabalhando com tipografia até tornar-se escritor regular da revista *O Espelho*, em 1859. Com o passar do tempo, publica algumas de suas primeiras obras até, em 1864, publicar seu primeiro livro de versos, *Crisálidas*. Tendo aprendido inglês e grego, tinha muito contato com literatura e dramaturgia estrangeiras, e o próprio se aventurou em traduções - inacabadas - de alguns autores como *Oliver Twist* e *Victor Hénau*.

O estilo de Machado comumente é dividido em duas fases: uma pequena fase inicial focada em obras tipicamente românticas e a segunda fase, mais duradoura, focada no realismo e obras inovadoras para a época. Suas obras realistas mostraram um estilo bastante ácido e objetivo - considerado maduro pelos críticos, recheado de anedotas e ironias sobre aspectos da vida. Neste campo humorístico e crítico, o uso de expressões idiomáticas específicas da época e algumas até um tanto originais foi um dos aspectos que caracterizou a leitura de suas obras como difícil. Outro aspecto foi a falta de linearidade e narração cronológica de sua escrita, muitas vezes confundido leitores por tantas “idas e voltas” no enredo, sendo necessário estar atento aos detalhes e trechos para não se perder. E quando se tratava do leitor, Machado fazia questão de trazê-lo para discutir a obra consigo, “conversando” com o leitor, pedindo sua opinião e até dando sugestões de que pulasse capítulos e fosse para outra parte melhor do livro.

Críticos literários contemporâneos conferem a Machado de Assis a posição de melhor escritor da literatura brasileira, tendo sido negligenciado mundialmente segundo Harold Bloom. Após 100 anos de sua morte, sua reputação só se consagrou internacionalmente neste século. Tradutores e estudiosos de países como França, Estados Unidos e Canadá interessaram-se profundamente por sua obra e legado e cada vez mais Machado é reconhecido e lido ao redor do mundo.

² As informações desta seção foram retiradas dos sites oficiais de Machado de Assis e da Academia Brasileira de Letras, sendo organizadas por mim neste texto, além de notícias e entrevistas a outros autores ou críticos.

Susan Sontag afirma (SONTAG, 2003) que não compreende como o mundo deixou de reconhecer Machado como um gênio e um dos principais pilares em que se baseia a literatura moderna. Roberto Schwarz, o principal crítico especializado na obra de Machado, disse à *The New York Times* em entrevista que:

“O que você vê nos cinco romances e contos daquele período (segunda fase) é um escritor sem ilusões, corajoso e cínico, que é altamente civilizado, mas implacável ao mesmo tempo em expôr a hipocrisia do homem moderno acomodado a condições intoleráveis”.

Por sua vez, Allen Ginsberg define Machado como um “outro Kafka” em comparação de relevância e contribuição à literatura mundial.³

Portanto, devido a suas peculiaridades estilísticas, minha experiência em um exercício de compreensão e versão de seu conto *Marcha Fúnebre* traz dificuldades comuns a qualquer jovem estudante que, como eu, se viu exposto ao escritor como parte do currículo escolar e, mais tarde, na faculdade. O que pretendo mostrar, entretanto, vai um pouco além, mesclando as dificuldades de se compreender Machado e transferir seu estilo sem grandes perdas para uma língua extremamente diferente cultural e gramaticalmente - o japonês moderno.

³ As declarações de Roberto Schwarz e Allen Ginsberg encontram-se no texto de Larry Rohter disponível aqui: <http://www.nytimes.com/2008/09/13/books/13mach.html>

3.1. Machado em outras línguas⁴

Transpor uma obra para outro idioma traz certas reflexões que qualquer tradutor normalmente passa. Como manter a essência do texto original? Como não alterar drasticamente o conteúdo? Como fazer leitores de outro idioma entenderem uma obra, mas no seu contexto cultural? Como realizar mudanças que sejam úteis e não confundam ainda mais? Há vertentes e vertentes no mundo da teoria tradutória, e cabe ao tradutor se utilizar daquela que crê ser a melhor.

Não seria diferente com uma obra machadiana, de fato. Glenn Alan Cheney, um escritor e jornalista norte-americano, encantou-se pela obra de Machado – entre outros aspectos culturais brasileiros – quando veio receber o título de bacharel em artes de língua inglesa na Universidade Federal de Minas Gerais em 1991. A partir daí, não somente publicou outros trabalhos sobre assuntos como os conflitos na região da Amazônia, como dedicou parte de seu estudo a levar Machado para os leitores de inglês. Em 2014, lançou uma coletânea de 21 contos de Machado de Assis editada por ele e outros dois colegas com a participação de 16 tradutores que trabalharam intensamente para entregar traduções atualizadas e o mais corretas possível – entre os tradutores, brasileiros inclusos, que ajudaram a compreender e adaptar expressões específicas. A obra se intitula “Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis”, e está disponível no site da Amazon⁵.

Ainda assim, as traduções que li para línguas como o inglês parecem tender ao quase literal. Muito lineares, mas não meras transcrições traduzidas palavra por palavra. As línguas de famílias comuns ou com mesmo tipo de estrutura sintática permitem que o tradutor se arrisque e talvez obtenha sucesso em levar tanto da essência do original quanto o seu estilo próprio a uma tradução, o que não acontece com português machadiano e japonês; a distância cultural é muito grande, o receio de ousar e acabar entregando um trabalho equivocado ou mal feito consome o

⁴ Referência importante para a redação desta parte do texto foi o número especial “Machado de Assis & Tradução”, da revista *Scientia Translationis*, disponível aqui: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/2154>.

⁵ CHENEY, Glenn Alan, *Ex Cathedra: stories by Machado de Assis*, 2014, Connecticut, Livraria New London.

pensamento. Às vezes é melhor optar por uma zona de conforto e traduzir com certa segurança, mesmo que beire ao lugar comum.

Para ver melhor ilustrado esse trabalho de autores estrangeiros em transportar Machado para sua língua, o número especial Machado de Assis & Tradução da revista *Scientia Traductionis* da Universidade Federal de Santa Catarina é excelente. Válmí Hatje-Faggion (2013, p. 114), por exemplo, em seu ensaio salienta a importância de dar atenção às sutilezas do estilo machadiano ao traduzir. Mesmo havendo tantos tradutores de língua inglesa bons e dispostos, dos duzentos contos que Machado escreveu em sua vida, cerca de vinte circulam em inglês. Isso mostra, de certa forma, como ainda falta trabalho por ser feito; alguns desses contos traduzidos se repetem ao serem lançados para leitura por editoras, devido a alguns tradutores se determinarem a sempre melhorar a qualidade de uma tradução.

Por isso, quem lê Machado em português e lê Machado traduzido, sente as estranhezas inerentes ao próprio processo tradutório; diferente da experiência de leitores de língua inglesa, leitores brasileiros que dominam inglês sentem profundamente a diferença. E se já é complicado para nós, pense em alguém que quer muito ler a obra de Machado de Assis em sua língua, mas não percebe tão presentes as peculiaridades sempre citadas por outros autores e críticos. Não é à toa que se encontre dificuldades em promover sua obra em outros países, como o exemplo citado por John Gledson em seu ensaio “Translating Machado de Assis”:

“Qualquer consideração sobre o fato desagradável de que, para um escritor da sua estatura, Machado continua relativamente desconhecido fora do Brasil, deve começar com o ensaio “Machado in English” [Machado em inglês] de Daphne Patai, até onde eu sei, o único sério sobre o assunto e que, além de expor numerosos fatos sobre as traduções, a maneira como têm sido resenhadas, entre outras coisas, apresenta um relato desalentador das circunstâncias, resumido na frase do editor de algumas edições norte-americanas de Machado: “As vendas são péssimas!” [“The sales suck!”]. Esta declaração objetiva resume do seu jeito a situação. Se precisarmos de outra evidência, Patai a apresenta no relato de uma visita que fizera a uma livraria local (em uma cidade universitária), que tinha um exemplar de Dom Casmurro nas prateleiras, que estava por lá há pelo menos um ano e meio e dezessete edições diferentes de treze obras de Dostoievski, algumas com vários exemplares.” (2013, p.13)

Ainda é um desafio levar Machado integralmente a outras línguas, e este objetivo talvez só venha a ser alcançado com o tempo. Por isso, mesmo que experimentais e, às vezes, não muito atraentes ao público lá de fora, o trabalho destes tradutores deve ser reconhecido como generoso e insubstituível.

4. Resumo do conto “Marcha Fúnebre”

O conto da coletânea *Relíquias da casa velha* (1905, Rio de Janeiro) traz não somente uma crítica bem humorada sobre a hipocrisia de algumas pessoas em desejarem ser o centro das atenções a qualquer custo, quanto um belo exemplo do famoso dito popular “cuidado com o que você deseja, pois pode se realizar”.

O deputado Cordovil, frequentador ávido de cassinos, sabe, por terceiros, do falecimento de um conhecido, uma de suas inimizadas. Durante a volta para casa na mesma noite, se depara com um acidente pela rua em que vinha, no qual a vítima também falece no momento. Essas duas mortes despertam em si uma porção de divagações sobre a sua própria morte e como ela haveria de acontecer. Em alguns de seus imaginários, viria a óbito em locais públicos como o cassino, cercado de pessoas que o acudiriam, ou na câmara dos deputados, durante um discurso – inclusive desejava que sua morte fosse tal qual a de César, o imperador romano: rápida e indolor.

Ao deitar-se para dormir naquela noite, a ideia de morrer durante o sono também lhe rendeu horas de pensamento – basicamente, não o deixou dormir. Porém, quando percebeu que não teria a morte no momento e à maneira que quisesse, desistiu da ideia e seguiu com a vida em pensamentos alegres. Anos depois, veio a falecer, e não exatamente do jeito que imaginava. Um pouco de sofrimento e lentidão prolongaram a sensação fúnebre iminente, até que simplesmente morreu sem jamais saber o que era uma morte súbita.

5. Comentários e dificuldades sobre a tradução do conto “Marcha Fúnebre” para o japonês

Apresentando exemplos concretos de minha experiência em traduzir, confirmo as palavras de Rosemary Jackson (2002) de que a tradução é um processo de metamorfose auto-gerativa que cria, nada mais nada menos que um “Frankenstein”. Lidar com uma diferença cultural tão grande como a que encontramos entre a língua portuguesa do Brasil e a língua japonesa requer de qualquer tradutor uma boa quantidade de paciência, muita pesquisa e muita técnica para obter um resultado satisfatório.

Pessoalmente, não fiquei muito satisfeita com o meu próprio trabalho nesta tentativa arriscada de transportar um conto escrito no século 19 em um português complicado para o japonês moderno e de fácil entendimento. Quando trabalho com a língua japonesa, mudo automaticamente minha forma de raciocínio e até como penso; pessoalmente, acredito ser quase inevitável fugir da influência que a cultura de uma língua estrangeira causa sobre nós, até porque é através da língua que conhecemos um país, uma nação, um povoado. Então não vi muita liberdade criativa durante o processo de tradução justamente pela maneira como o japonês funciona, e é preciso respeitar os limites. O japonês é uma língua muito sólida e com pouca abertura para neologismos e ressignificados, percebi, logo, que transformaria uma narrativa típica machadiana em uma narrativa neutra e comum, passível de ter sido escrita por qualquer outra pessoa.

Para começar a ilustrar minha experiência, apresento uma tabela de diferenças que sempre me deparei ao trabalhar com este par – japonês e português brasileiro, construída com auxílio das mesmas fontes que em que me baseei ao apresentar o resumo sobre língua japonesa:

Português	Japonês
Família indo-europeia	Família de línguas japônicas (família isolada)

Sujeito-Verbo-Objeto	Sujeito-Objeto-Verbo
Substantivos com flexão de gênero e número	Substantivos sem gênero nem número
Alfabeto romano	Alfabetos hiragana e katakana (e kanji)
Pretérito, presente e futuro distintos	Pretérito / presente+futuro mesma flexão
Entonação segue sílabas tônicas	Ausência de sílabas tônicas, entonação pode mudar semântica de alguns termos
Expressões e termos abrangentes	Expressões e termos com intensidade de usos
Uso de polidez depende da situação	Uso de polidez baseado em hierarquia social
Classes gramaticais determinadas por conjunções, pronomes, verbos de ligação	Partículas determinam classes gramaticais
Conjugação de verbos por pessoa	Mesma forma verbal para todas as pessoas
Verbos determinam objetos direto e indireto	VD gera objeto, VI gerado por sujeito
Uso regular de pronomes	Omissão de pronomes

Um dos primeiros grandes problemas é o fato de a língua japonesa ser extremamente simples e objetiva. O japonês veio de uma família de línguas isoladas

que não provêm de nenhuma grande família comum, como as línguas latinas e germânicas. É uma língua SOV que funciona de forma semelhante a um quebra-cabeças, onde não há floreios típicos do português, e cada peça representa uma função sintática bem definida. Por exemplo, não há artigos antes de um sujeito; não existe “a”, “o”, “as”, “os”, “um”, “uns”, etc, o que representou um mecanismo de leitura automática em que cortei os artigos e pulei direto para os elementos principais de cada sentença. Os termos culturalmente ocidentais precisaram ser adaptados a equivalentes japoneses ou brevemente explicados, como “portinhola”, “patife”, “patrulha”, e expressões originais simplificaram-se a o que, em essência, queriam dizer, como “tudo foi assim, alegre” - ficou tudo bem, “não ia nas águas desse amigo” - não seguia o mesmo caminho que esse amigo.

A seguir, vou apresentar as saídas tradutórias que encontrei para alguns pontos específicos do conto.

Português	Japonês
Cordovil não ia nas águas desse amigo; perdoava deveras.	<p>いつも許していたのですが、その友達が歩む道は辿らなかった。</p> <p>(Sempre o perdoava, mas não seguia o caminho que esse amigo andava.)</p>

Em um ato de “costura”, muitas sentenças pequenas de assunto comum e ordem semântica foram unidas em maiores, pois o japonês tem uma certa fama de leituras cansativas; as frases longas organizadas internamente entre partículas gramaticais e desprovidas da mesma quantidade de vírgulas a que estamos acostumados é comum. Tal especificidade também se mostra nas tentativas falhas de levar estruturas sintáticas muito literalmente para o japonês. A semântica é muito importante, dentro da língua japonesa há palavras acompanhadas de verbos específicos, e termos separados para coisas que, em português, são a mesma, mas apresentando um estado diferente, mudam; um exemplo comum é que no Japão não se fala “água” e “água quente” usando o mesmo termo - “mizu (水)”. Em

português, adicionamos o adjetivo “quente” ao substantivo “água” e está feito, mas em japonês, há outro termo especificamente para a água no estado de “água quente” - “oyu (お湯)”. Então por vezes, precisei apagar frases inteiras e recomeçar a traduzir, mas levando em conta como a mesma frase seria dita sob o raciocínio japonês.

Qualquer língua é engenhosa de se traduzir, mas o que dificultou mais neste caso foi a escolha pré-determinada de Machado de Assis. Machado é notoriamente lembrado por seu estilo anedótico e original, estabelecendo as famosas “conversas com o leitor” em seus trabalhos. Isso é um ponto interessantíssimo, porque a comunicação em japonês funciona com base em níveis de linguagem - você fala de acordo com *quem* você está se comunicando e de acordo com a posição em que *você* se encontra em relação ao outro. Se você fala com um professor, com um médico, com seu chefe de trabalho, seu tom será sempre de humildade para consigo mesmo e de respeito para com o outro, pois você está abaixo e o outro está acima. Se você fala com um filho, alguém mais novo ou em posição hierárquica abaixo ou até mesmo animais, você fala com simplicidade e sem o uso de honoríficos e o que consideramos os típicos sinais de “educação”, como “por favor”, “com licença”, etc. Tendo isto em vista, foi lógico e adequado definir que, toda vez que Machado “fala” com o leitor, eu utilizasse um nível médio e o mais neutro possível. E para uma língua que segue uma direção tão linear, tentar não me perder entre as várias voltas e divagações de Machado no enredo foi exaustivo. Primeiro foi feita uma leitura total do conto, depois traçada a linha cronológica de acontecimentos e depois organizada a forma de encaixar cada excerto em seu lugar.

O japonês é ausente de flexões de pessoa, gênero e número; os tempos presente e futuro se flexionam da mesma forma, e não há pretérito mais-que-perfeito. Inevitavelmente, a versão do texto em japonês será mais objetiva e simples, as sentenças serão relativamente curtas e seguirão uma ordem canônica de formação.

Um exemplo bem ilustrativo da simplicidade da versão foi encontrado logo no início do conto:

Português	Japonês
O DEPUTADO Cordovil não podia pregar olho uma noite de agosto de 186...	ある186x年八月の夜、コロドビルという国会議員は一睡も出来なかった。 (Numa noite de agosto de 186..., o deputado Cordovil não conseguiu dormir bem.)

O uso de figuras de linguagem em japonês é bastante restrito por ser uma língua muito literal em seus significados. Há tradutores que optam por trocar expressões idiomáticas de uma língua por outra equivalente na língua de chegada, entretanto, pensei ser melhor apenas traduzir o significado da expressão neste caso, para não “poluir” a leitura. As narrativas brasileiras são, muitas vezes, tão “mascaradas” de expressões subjetivas que beira o abstrato.

Figuras de linguagem como metonímia, hipérbole e eufemismo são comuns inclusive no nosso cotidiano, como “comer dois pratos no almoço”, “morrer de fome”, e “ser desprovido de beleza”. Em japonês, o mais comum e compreendido automaticamente é o eufemismo, principalmente quando se trata de morte e coisas que possam trazer azar, devido à cultura ser repleta de superstições. Tanto no japonês quanto no português, falar que alguém *morreu* demonstra falta de sensibilidade, optando-se pela expressão *faleceu* (亡きなつた - *nakinatta*). Mas em um todo, o japonês é uma língua que diz exatamente o que quer dizer, e é incomum haver expressões de metonímia, como “beber duas garrafas de cerveja”, você bebe o conteúdo que veio em duas garrafas, e você não “lê Machado de Assis”, você lê obras de Machado de Assis.

Outro detalhe importante é sobre datas e marcadores temporais. Por só flexionar entre pretérito e presente/futuro, ter a informação de quando as coisas acontecem é básico para traduzir corretamente. Claro que fatos passados são mais óbvios de se entender, mas mesmo assim, datas e marcadores temporais como

ontem, hoje, na próxima semana são elementos que vêm em primeiro numa sentença em japonês e determinam o tempo de tudo que vem a seguir.

A seguir, mais alguns trechos comparativos demonstrando a manutenção de expressões que não podem ser traduzidas ao pé da letra:

Português	Japonês
A morte vinha de meses.	<p>死の闘いは数ヶ月掛かった。</p> <p>(A luta contra a morte durou alguns meses)</p>
<p>Ao contrário, a noite foi excelente, tão excelente que um inimigo seu, que padecia do coração, faleceu antes das dez horas, e a notícia chegou ao Cassino pouco depois das onze.</p>	<p>それどころか、舞踏会は最高だった。最高すぎて、ある心臓が悪い敵が十時前に亡くなって、カシノには十一時ちょっとすぎってから情報が入った。</p> <p>(Pelo contrário, o baile foi fantástico. Um inimigo que sofria de uma doença do coração faleceu às 10 horas e a informação entrou por volta de 11 horas no Cassino.)</p>
<p>Alguns amigos, para o consolar de antigas injúrias, iam contar-lhe o que viam ou sabiam do enfermo, pregado a uma cadeira de braços, vivendo as noites horrivelmente, sem que as auroras lhe trouxessem esperanças, nem as tardes desenganos.</p>	<p>コロドビルの何人かの友達は過去受けた名誉毀損をの慰めるために、病人について知っていたことと聞いたことも教に来た。肘掛があるいすに縛られて、夜を恐ろしく過ごした。病人は夜明けが希望を持って来なくて、夕暮れも幻滅を持って来ない。</p> <p>(Alguns amigos de Cordovil, para confortá-lo dos prejuízos do passado,</p>

	traziam-lhe as notícias do que sabiam sobre o doente. O enfermo, com os braços sob o apoio de uma cadeira, passava as noites terrivelmente. O amanhecer não trazia esperança e o anoitecer trazia desilusão.)
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Percebe-se um padrão ao ler como os excertos ficam em japonês, que é uma narrativa limpa e que segue o raciocínio de frases curtas, pontuais e organizadas pela ordem dos acontecimentos. Simplesmente não se consegue fugir muito desse padrão, com o risco de alterar o sentido de um texto todo.

Quanto a adaptações necessárias, alguns termos e frases devem ser substituídos por equivalentes em japonês, que não têm exatamente o mesmo significado, mas passam a mesma ideia inicial.

Os níveis de polidez são parte natural da língua japonesa. Apresentando o exemplo a seguir, pode-se ver como funciona:

Português	Japonês
<p>— Assassinado? perguntou ele ao laçao, que descera da almofada para saber o que era.</p> <p>— Não sei, não, senhor.</p> <p>— Pergunta o que é.</p>	<p>「殺された？」クッションから降りた使用人に尋ねた。</p> <p>「知りません。」</p> <p>「だれかに聞きなさい。」</p> <p>(— Assassinado? — perguntou ao laçao, que desceu da almofada</p> <p>— Não sei.</p> <p>— Pergunta a alguém.)</p>

Em geral, culturas ocidentais tendem a deixar formalidades de lado e se comunicar de forma mais simples para aproximar mais ainda as pessoas umas das outras. Aqui no Brasil é comum se receber uma diarista que realiza a limpeza da sua casa com “oi, tudo bem?” ou apenas “bom dia”, olhando nos olhos e sorrindo amigavelmente. É comum puxar conversa com um caixa de cafeteria enquanto ele ou ela vê o seu troco. Mas em japonês, mesmo em uma relação de mãe e filhos existe um nível de respeito que é o natural a ser seguido. Uma mãe não precisa usar “por favor” ou “será que você poderia...?”, ela dirá “faça”. E um filho não tem como se dirigir à mãe no mesmo nível porque está *abaixo* dela.

Parece rigoroso demais quando comparado à nossa cultura, mas depois que se aprende como pensam os japoneses, torna-se até natural fazer a transferência de uma ideia em português para o japonês. No momento que Cordovil se dirige ao lacaio, utiliza-se da forma neutra (聞いて *kiite*: pergunte) – há dois tipos de forma imperativa, a polida/neutra e a não polida. Mas o lacaio, se formos adaptá-lo para o japonês, mesmo que tivesse uma relação próxima com seu superior, deve tratá-lo pela forma polida sempre (知りません *shirimasen*: não sei).

Estes são alguns dos exemplos mais comuns de obstáculos e detalhes que me mantiveram atenta durante o processo de versar o conto. Pessoalmente, o mais trabalhoso foi o fato de reorganizar as sentenças para sujeito-objeto-verbo, porque precisava separar os elementos da frase como peças para depois encaixá-las de novo. Quando me comunicava em japonês durante as aulas, sempre precisava de um tempo para pensar no que ia dizer em português primeiro para saber como dizer em japonês, o que me torna mais adepta da comunicação escrita ao invés da falada. Além das diferenças culturais de algum vocábulo que outro, creio que me preocupei mais com a estética da escrita do que com o conteúdo em si; minhas tentativas ficaram, como costume dizer, “um picolé de chuchu” – sem sabor, sem nada. Mas esta foi a oportunidade que me foi dada para experimentar algo novo, como traduzir Machado. Foi uma aventura.

6. Reflexão sobre o uso de teorias neste contexto⁶

Se há uma citação que creio que define bem a relação de tradução entre português e japonês, é um trecho do capítulo “Zu brüderlichem Andenken Wielands” de Goethe traduzido por Rosvitha Friesen Blume:

“Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra, ao contrário, requer de nós, que nos voltemos ao estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades.” (2010, p.: 31)

Obviamente, em qualquer tradução de qualquer idioma, mas mais do que nunca tenho essa sensação com relação à língua japonesa. Dois idiomas que representam duas culturas diferentes demais têm entre si uma barreira que exige muito conhecimento de ambas para serem trabalhadas.

Tal como citado por Rosemary Arrojo em seu livro “Oficina de tradução” (2007, p. 11), uma das maneiras de se ver a tradução – maneira combatida por Arrojo – é como um processo de transferência ou de substituição. É trazer algo de uma língua para o equivalente em outra. E muitas vezes, nesse processo, a carga das palavras pode ser um problema a se enfrentar, como no trecho retirado do livro:

“Eugene Nida, outro teórico importante, expande essa imagem através da comparação das palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga. Segundo sua descrição, a carga pode ser distribuída entre os diferentes vagões de forma irregular. Assim, um vagão poderá conter muita carga, enquanto outro poderá carregar muito pouca; em outras ocasiões, uma carga muito grande tem que ser dividida entre vários vagões. De maneira semelhante, sugere Nida, algumas palavras “carregam” vários

⁶ Esta seção foi escrita com o apoio do livro de Rosemary Arrojo, “Oficina de tradução”, citado no texto e nas referências finais.

conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um.” (ARROJO, 2007, p.11)

Há palavras que são praticamente perfeitos equivalentes, mas há várias outras que precisam ser adaptadas, ou trocadas para manter o mesmo significado ou próximo disso. Um exemplo comum que muito já me deparei nos textos traduzidos é a troca de classes gramaticais de palavras que, dentro do discurso, significam a mesma coisa, como a palavra “saúde” em português. Essa palavra, como substantivo, não existe em outras línguas, mas se transforma em outras que expressam sentido semelhante, como em japonês há a palavra “懐かしい (natsukashii), um adjetivo que significa “nostálgico”, e normalmente é traduzido como “saudosos”. Assim como em japonês há uma infinidade de palavras que mudam de sentido dependendo do contexto ou da flexão que lhes é atribuída. Um exemplo engraçado de que nunca me esqueço é de uma de minhas aulas de japonês, em que aprendi com uma gafe. A palavra かわいい (kawaii), que normalmente significa “bonitinho, fofo”, muda totalmente quando atribuída o sufixo “-そう”, que indica quando algo se parece ou se assemelha a; e ao querer dizer que alguém “parece fofo”, eu estava chamando a pessoa de “coitada, pobrezinha”. Isso só acontece com esta palavra, e não há como usá-la da forma かわいそう (kawaiisou) para dizer que algo ou alguém “parece fofo”. Uma grande diferença dessas gera um grande erro na hora de traduzir sem saber como uma palavra se comporta na sua língua original.

Seguindo esse raciocínio, entendo que as línguas são como personalidades, cada pessoa tem a sua e mesmo que algumas se deem bem por afinidades, nunca encontrarão personalidades iguais. Os povos de cada país viveram uma História diferente cada, têm identidades próprias. Tanto é que a famosa “língua universal” criada com o objetivo de ser falada e entendida por todos, o esperanto, não é usada por ninguém oficialmente. Não existe uma comunidade ou uma instituição que tenha definido ou estabelecido que a partir de dado momento, todos se comunicariam somente através de esperanto. É uma tentativa que não vingou de se obter a comunicação entre todos os seres humanos.

Por isso, traduzir requer conhecimento, estudo, vivência e ferramentas para acontecer. Para traduzir para japonês, gostaria de tentar me “transformar” em

japonesa e pensar como uma pessoa japonesa para supor o que eu deveria esperar ao resultado final de uma tradução. Como isso é impossível, o tradutor deve se munir do máximo de conhecimentos da língua e da cultura que estuda, além de técnicas de tradução, para obter um bom resultado.

Rosemary Arrojo apresenta, no livro “Oficina de tradução”, um demorado comentário sobre o conto “Pierre Menard, autor do Quixote”, de Jorge Luis Borges. Nesse comentário ela ilustra as distintas maneiras de se pensar a tradução ao longo do tempo: como cópia, como transposição, como recriação. Essa leitura me mostrou o quanto alguns conceitos que parecem consensuais (“fidelidade”, “equivalência”, etc) mudam se os pensamos historicamente.

É assim que vejo um pouco das estratégias de teoria. Teoria é base, mas não determina ou substitui prática. Por isso nunca me considere adepta de alguma, como se pensasse “só vou me utilizar desta linha de pensamento para traduzir este trabalho”. Isso jamais passou por minha mente.

7. Considerações finais:

Neste trabalho, tentei demonstrar as dificuldades do processo de tradução do conto “Marcha fúnebre”, de Machado de Assis, para o japonês. Para tanto, apresento algumas especificidades da língua japonesa em comparação com a portuguesa e uma pequena reflexão sobre algumas teorias de tradução.

O trabalho de um tradutor é, às vezes, ingrato. São anos de estudo, de prática, de experiências diferentes para que leigos façam piadas e digam que “é só correr para o tradutor da internet” para resolver dúvidas. Meu respeito por essa profissão e por aqueles que seguem esta carreira decolou e foi tão alto que ultrapassou a estratosfera. Nunca se deve afirmar nada que não se tem conhecimento, e posso dizer que subestimar tradutores e não lhes dar o devido valor – tanto moral quanto financeiro – é um grande erro.

Este trabalho me trouxe, mais uma vez, ao ponto de que há pessoas mais qualificadas para tal que outras. Eu não sou uma delas. Sinto que, se fosse investir neste ramo, eu ainda precisaria de muito estudo. E isso não seria sinônimo de que eu viria a me tornar melhor na área.

O que apresentei neste trabalho foi uma das várias experiências que tive ao longo do curso, e afirmo que, por muitas vezes, tive vontade de jogar tudo para o alto e nunca mais olhar aquela porção de palavrinhas acumuladas em meu idioma e em outros. Acredito que as pessoas devam seguir suas vocações, segundo um provérbio de Gandhi:

“Escolha um trabalho que ame e não precisará trabalhar um dia sequer de sua vida.”

Infelizmente não me sinto parte da família de tradutores, apesar de ter sido um tempo muito rico de minha vida ter frequentado o curso de Letras; ao contrário de tempo perdido, foram anos de aprendizado que me somaram muito, e que já não me imagino sem.

Todas as experiências são válidas, nenhuma vem sem ensinar alguma coisa. Assim como espero transmitir algo que faça os outros refletirem sobre o trabalho do tradutor com esta minha experiência, espero trazer mais questionamentos e também mais respostas a outros que talvez tenham tido as mesmas dúvidas e receios como eu e contribuir com isso na formação de tradutor como um profissional.

8. Bibliografia:

ARROJO, Rosemary, *Oficina de tradução: a teoria na prática*, 2007, 5ª edição, São Paulo, Editora Ática.

CHENEY, Glenn Alan, *Ex Cathedra: stories by Machado de Assis*, 2014, Connecticut, Livraria New London.

Coleção de livros *Minna no Nihongo* (3A NETWORK, 2008, Japão, Editora 3A Network Corporation).

EMBAIXADA do Japão no Brasil. <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/linguajaponesa.html>

GLEDSON, John/FREITAS, Luana Ferreira de (tradutora), *Translating Machado de Assis*, 2013, Scientia Traductionis.

HATJE-FAGGON, Válmí, *Marcas de uma travessia: aspectos de seleção, tradução e publicação de contos de Machado de Assis em inglês*, 2013, Scientia Traductionis.

HEIDERMAN, Werner (organizador), *Clássicos da teoria da tradução*, 2010, 2ª edição, Florianópolis, UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução.

LÍNGUA JAPONESA. https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_japonesa.

MACHADO DE ASSIS. <http://www.machadodeassis.org.br/>.

MACHADO DE ASSIS. <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>.

MAGALHÃES, Célia, *Tradução e transculturação: a teoria monstruosa de Haroldo de Campos*, 1998, Minas Gerais, UFMG.

ROHTER, Larry. http://www.nytimes.com/2008/09/13/books/13mach.html?_r=1

SONTAG, Susan, *Where the stress falls: essays*, 2002, Nova Iorque, Editora Picador.